

BILINGUISMO: DESAFIOS E AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA SEGUNDA LÍNGUA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL DO 6º AO 9º ANO

Janaina REATTI – Centro Universitário Assis Gurgacz¹
Adriana da Silva BOEIRA – Centro Universitário Assis Gurgacz²

RESUMO: No ensino fundamental do 6º ao 9º ano, o aluno apresenta um maior desenvolvimento em sala de aula, enunciando discursos de maneira mais abrangente e ampliando a visão de mundo, tornando-a mais crítica e reflexiva, possibilitando o uso da língua em situações de comunicação oral e escrita, necessitando de novas maneiras de aprendizado para que possa se abranger na língua inglesa de uma forma natural e divertida. Nesse sentido, o aprendizado desses alunos vem sendo observado e é objeto de discussão ao longo dos anos, pelo fato de que ao concluir o ensino fundamental, percebe-se por meio de pesquisas, que os resultados não são satisfatórios. Por trás de tudo isso, há muitos desafios a serem superados e estratégias a serem desenvolvidas para que o estudante possa realmente aprender uma segunda língua, não somente gramática e palavras soltas, mas também o seu contexto histórico, cultural, geográfico, entre outros saberes científicos. Portanto, para isso, o ensino assim como toda atuação humana deve ser dinâmico e moderno, desse modo, o objetivo deste artigo é desenvolver estratégias de aprendizagem voltadas para a compreensão da realidade que possam garantir uma melhor interpretação da sociedade e do mundo globalizado em que o educando vive e atua como cidadão participante. Para o desenvolvimento deste trabalho serão utilizados autores como Conrad (1997), Fishman (1997), Leffa (2003), Walker (2003), entre outros autores na qual desenvolveram trabalhos referente a educação bilíngue.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo; Educação; Estratégias.

1 INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Inglesa alcançou grande importância, tanto no Brasil, quanto em outros países no mundo, com os avanços tecnológicos e as mudanças ao longo do tempo, percebe-se que a língua inglesa está se tornando cada vez mais prevalente no dia a dia das pessoas, visto que conhecer outras culturas exige conhecer a língua materna.

Conrad e Fishman (1997), afirmam que o inglês é a língua nativa em 12 países, em 11 países é a única língua oficial, em 14 países é a segunda língua oficial e em 8

¹ Acadêmica do curso de graduação em Letras Português/Inglês, Centro Universitário FAG. 7º período.
E-mail: jreatti@minha.fag.edu.br

² Orientadora do curso de graduação em Letras Português/Inglês, Centro Universitário FAG. 7º período.
E-mail: adrianasilva@fag.edu.br

países possui algum status oficial. Mediante o exposto é possível observar como a Língua Inglesa se espalhou em boa parte do mundo, e até mesmo nos países que não sofreram grandes influências, ela se encontra presente.

Segundo o PCN (1998), a Língua Inglesa foi inserida no currículo das escolas brasileiras por vários motivos, e um deles é exatamente essa influência norte-americana que aumentou ao longo dos anos. Portanto, visto que a Língua Inglesa aparece no cenário mundial como uma das línguas estrangeiras mais utilizadas na sociedade atual, sendo de suma importância o aprendizado da Língua Inglesa nas escolas tanto públicas quanto particulares.

Levando em consideração tais aspectos, aprimorar o aprendizado da Língua Inglesa é de extrema importância para eliminar fronteiras, para o desenvolvimento pessoal, profissional e até para relações internacionais. Assim, o idioma é incorporado como segunda língua, que permite praticabilidade em quaisquer etapas da vida.

Nesse artigo será apresentado como é na prática o aprendizado da língua inglesa como segunda língua, bem como sobre quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos do ensino fundamental do 6º ao 9º ano em relação a aprender o idioma. Pois devido às dificuldades em que os alunos apresentam em aprender um segundo idioma enquanto estudante de escola pública nos leva a refletir a respeito do ensino em que é empregado, das adversidades em sala de aula na qual os professores enfrentam, sejam elas na relação professor-aluno, no ambiente escolar ou até mesmo com a família, observando, dessa forma, que os alunos concluem o ensino fundamental sem conhecimento da língua inglesa, ou conhecendo pelo menos o básico da Língua Inglesa.

A presente investigação será realizada por meio da pesquisa bibliográfica, a qual se refere a uma análise ampla das publicações de autores específicos numa determinada área do conhecimento.

Desse modo, uma análise dos materiais já existentes será elaborada. O objetivo é que haja um aprofundamento do tema e que, com isso, seja possível chegar a respostas para as questões levantadas neste projeto. O suporte teórico que dará sustentação para a fundamentação teórica do presente trabalho de artigos de autores como Conrad (1997), Fishman (1997), Leffa (2003), Walker (2003), entre outros.

2 CONCEITUANDO O TERMO BILINGUISMO

O mundo está cada vez mais globalizado, o que possibilitou a exportação de informações, culturas, tecnologias, produtos, entre muitas outras novidades que exigem extrema comunicação. Compreende-se que em ambientes interculturais ela se apresenta de diversas formas, como por interações, lazer ou necessidades trabalhistas. Entretanto, não seria possível estabelecê-la entre povos de diferentes lugares, culturas e costumes sem conhecer a língua utilizada por eles, sendo assim, a língua estabelece relação fundamental com questões sociais, políticas, familiares, entre outras.

A noção de bilinguismo tornou-se cada vez mais ampla e difícil de conceituar, a partir do século XX. A primeira vista, definir o bilinguismo não parece ser uma tarefa difícil. De acordo com o dicionário de Oxford (2000 p. 117) bilíngue é definido como: 1. “aquele que domina duas línguas ou dois dialetos. 2. de país que tem duas línguas oficiais”.

Entender o vocábulo bilinguismo é uma atividade intrincada, já que existem várias interpretações no que se diz a respeito do bilinguismo e de ser bilíngue. Para alguns autores o termo bilinguismo varia desde aquele que tem a capacidade de se comunicar com proficiência em duas línguas, até aquele que consegue pelo menos desenvolver uma habilidade linguística em alguma língua estrangeira, sem ser a sua língua materna.

Segundo Mackey (2000, p. 26), baseado em Bloomfield (1933), bilinguismo refere-se à capacidade de falar duas línguas como um nativo. O dicionário *online Oxford Languages* traz a definição de nativo como algo “que nasce com a pessoa, não é adquirido; inato”. Nessa perspectiva, Bloomfield (1933) com base em pesquisas de MACKEY (2000) considera bilíngues apenas aqueles que nascem em um meio no qual são falados dois ou mais idiomas, seja no grupo social em que vivem, ou porque possuem pais de nacionalidades diferentes.

Já para Machamara “um indivíduo bilíngüe é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa”, Macnamara (1967) baseado em HARMERS e BLANC (2000 p. 6). Também é possível vermos outras definições, como a definição feita por Titone, que diz que bilinguismo é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” TITONE (1972) baseado em HARMERS e BLANC (2000:7)

2.1 BILINGUISMO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Apesar de ser obrigatório o estudo da língua inglesa a partir do 6º ano e a língua inglesa ter extrema relevância para nossa vida pessoal/profissional e ajudar em muitas áreas de nossa vida, muitos alunos não têm o domínio básico da língua inglesa por mais que seja obrigatório a partir do 6º ano.

Essas dificuldades são reconhecidas oficialmente, e o próprio PCN, ao mesmo tempo que, reconhece ser indispensável saber outro idioma, reforça que "deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (...) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas". Por esse motivo, coloca o foco na formação cultural e na leitura e permite incluir, dependendo das condições, a compreensão oral e a produção escrita.

Segundo a pesquisa do British Council e do Instituto de Pesquisa Data Popular, a qual mostra que os desafios para o fortalecimento dessas políticas no país ainda são grandes, mostra que apenas 5% da população do Brasil sabe se comunicar na língua inglesa, sendo apenas 1% deles fluentes. Com isso, o Brasil fica em 41º colocado em um ranking de 70 países. Isso significa que, numa situação em que seja preciso realizar uma apresentação ou conversar com alguém sobre trabalho, só 1 em cada 100 brasileiros conseguirá se sair bem. Apesar de a pesquisa ser de 2015, não existem indicações de que o panorama tenha mudado, de lá para cá, a ponto de nos orgulharmos (BRITHSH COUNCIL, 2015).

Oportunidades de emprego perdidas, promoções adiadas ou nunca alcançadas, dificuldade de expressar-se em público, de ler e entender um texto, de escrever, de assistir a um filme sem legendas, de aproveitar melhor uma viagem internacional (e economizar nela), quanto o brasileiro perde por não ser fluente em inglês? Mas, afinal, por que é tão difícil, para nós, aprendermos o segundo idioma?

No caso do Brasil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) o estudante tem o direito de aprender matéria de língua estrangeira desde os anos finais do ensino fundamental, mas é perceptível que nas escolas públicas brasileiras não há uma desvalorização na língua inglesa, ela não é vista como uma disciplina tão importante na formação do aluno como português e matemática é vista.

De acordo com o PCN (1998), a desvalorização ocorre por muitos motivos, entre eles estão: a retirada da disciplina do currículo, carga horária reduzida nas aulas e falta de capacitação dos professores. Tais fatores contribuem para que o ensino e aprendizagem da língua estrangeira se tornem algo desanimador, tanto para alunos, quanto para os professores.

2.2 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

Sobre ensino, Santana (2009) argumenta que termo possui uma concepção regressista, com base na passagem de conhecimento ou até mesmo no acatamento do aluno, no sentido de passar conhecimento como professor-aluno. O autor destaca, também, a possibilidade de compreender o ensino como algo mais pleno, algo que foi possível a partir das correntes humanistas e cognitivo-construtivistas, que o veem como um processo de orientação, tendo em consideração as necessidades do aprendiz e levando a conceder um significado ao conhecimento.

O conceito de ensino dado por Santana conecta-se ao que ele considera aprendizagem. Assim, o ensino pode ser percebido como um movimento contínuo que resulta na aprendizagem.

O autor diz também que a aprendizagem põe em “relevo o aprendiz e o processo. Nesse caso não é importante o como ensina o professor, senão o como e para que aprende o aluno” (Ibidem, p. 24). A aprendizagem é, portanto, algo que se caracteriza por ir além da transmissão de conhecimentos e por ser um processo

complexo, pois requer interação entre as partes.

Dessa maneira, Piletti (2007) acredita que enquanto há aprendizagem, o conteúdo que é abordado deve possuir significados relevantes para quem está aprendendo, isto é, a aprendizagem requer criticidade e o objeto de estudo deve ter sentido. Santana exemplifica que, no caso de idiomas, a aprendizagem não ocorre por meio do conhecimento da estrutura da língua, mas sim quando ela tem significado no contexto social em que esse aluno vive, ou seja, quando a língua aprendida “altera a condução prática da vida” e quando “assimilada significativamente, em uso”.

Durante o processo de aprendizado da língua inglesa, cada aluno encontra uma melhor maneira para melhor desenvolver e aprender o idioma. Alguns preferem assistir séries, filmes ou ler seus livros preferidos, enquanto outros preferem escutar músicas de suas bandas ou cantores favoritos para aumento de vocabulário e melhorar sua compreensão oral, e também existem os aprendizes que preferem criar grupos para conversação para melhorar à prática da língua inglesa. O dicionário de Oxford define as estratégias de aprendizagem como: “ações realizadas pelos alunos para melhorar sua própria aprendizagem”. Ter essas estratégias é relevante para que a aprendizagem do aluno não só consiga se desenvolver no conhecimento do idioma, mas também no uso dela.

Fazendo uso de adequadas estratégias de aprendizado, resultará maior resultado na proficiência, autoconfiança e desenvolverá maior competência comunicativa.

Em relação às estratégias para o ensino de língua inglesa, Souza (2005) descreve que os professores observados em sua pesquisa preferiam a abordagem tradicional, ou seja, método concentrado no professor, o educador serve para instruir, transmitir conteúdos, e cabe ao aluno, gravar, organizar e reproduzir, nesse método não há desenvolvimento de crítica no aprendiz, o aluno é um mero receptor de conhecimento. Dessa maneira, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores não ofereciam um ensino e aprendizagem voltados para a abordagem comunicacional. Para a autora, essa preferência pode estar relacionada à formação do professor, por isso acredita que é necessário rever as práticas pedagógicas dos professores do curso de Letras para que contemplem as abordagens comunicativas

no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Krashen (1987) faz um complemento de que nesse sentido, um lugar estimulante à comunicação e que esteja de acordo com reais necessidades dos alunos leva a ser uma maneira de ensino de idiomas eficaz. Dessa maneira, o autor defende que não tem como dizer que há uma estratégia definitiva e única, pois elas devem ser flexibilidade e ajustar cada uma de acordo com o perfil e realidade de cada aluno ou grupo de alunos. Ele não dá tanta ênfase em livros didáticos, uso de tecnologias etc, e leva em consideração um caráter pessoal e psicológico ao ensino de línguas, no lugar do caráter técnico-didático ainda predominante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas no Brasil é de suma relevância para que possamos aprender a nos comunicar, a ter acesso às novas tecnologias, a conseguirmos melhores empregos e até desenvolvermos nossa comunicação, porém foi possível perceber a partir deste estudo, que a relação ensino-aprendizagem do inglês em escolas públicas, não parece ser o lugar ideal para se aprender uma língua estrangeira.

Observa-se que ocorre uma imobilidade em relação ao ensino da língua inglesa, advindo de problemas culturais, econômicos e sociais. Além das próprias dificuldades do professor em disseminar o conhecimento de um idioma que muitas vezes nem faz parte de seu próprio cenário cultural e social.

Pode-se dizer que os problemas que norteiam o ensino da língua inglesa, no cenário brasileiro, em muitos casos ultrapassam o âmbito da escola pública, apesar do discurso da relevância do inglês para o crescimento profissional e social dos indivíduos. Por mais imaginário que seja a construção da importância do inglês na sociedade a realidade faz com que se depare com um ensino carregado de conflitos e incertezas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA DA SILVA, ÁLVARO. **O Ensino Da Língua Inglesa Na Escola Pública Do Estado Do Paraná – Um Estudo De Caso**, UTFPR, Medianeira, 2014.



BATISTA. Brenda Neves, FREITAS. Maria Cecilia Martínez Amaro. **OS BENEFÍCIOS DO BILINGUÍSMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Anápolis - Goiás. Disponível em:
<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/18157/1/TC2%20Brenda.pdf>

BRASIL. LDB: Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional. Coordenação De Edições Técnicas Brasília: Senado Federal, 2017

CONRAD, Andrew W., FISHMAN, Joshua A. **English as a world language**. In FISHMAN, Joshua A., COOPER, Robert L., CONRAD, Andrew W. The spread English. RowleyMassachusetts: NewburyHouse, 1997. p. 3-76.

COUNCIL, BRITISH. O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira, Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo, 2015.

DAMAS SILVA LIMA, NILVÂNIA. **Problematizando o estágio supervisionado de inglês Problematising English teaching practicum**, RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 249-269, 2010.

FELICETTI, Vera Lucia. SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel. FERNANDES, Meirilene Alves. **Estratégias Didáticas Para O Estudo Da Língua Inglesa Na Educação Básica.**

LEFFA, Vilson J. O Professor De Línguas Estrangeiras: Construindo A Profissão. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, 2008

PILETTI, Cláudio. **Didática Geral**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SANTANA, Givaldo Melo de. **Metodologia Do Ensino-Aprendizagem De Línguas.**
São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Cesad, 2009.

SOUZA, Maria Gleide Macêdo. A Prática Pedagógica Do Professor De Língua Inglesa Nas Escolas Públicas Do Ensino Médio. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TRINDADE, PINHEIRO SAMARA. CASTRO, DE MIRANDA LAURA. Os Desafios Do Ensino E Aprendizagem De Língua Inglesa No Ensino Fundamental De Escolas Da Rede Pública No Município De Humaitá-Am – IEAA/UFAM. Amazonas.

KRASHEN, Stephen D. *Principles And Practice In Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon, 1987.